



Vida da minha vida: autobiografia e trajetória artística do poeta José Costa Leite

Geovanni Gomes Cabral*

Cidade de Condado, Pernambuco, 16 de fevereiro de 2013. O poeta José Costa Leite saiu de casa, acompanhado de sua esposa e neto, às 18 horas, em direção à sede da escola de música, Filarmônica 28 de Junho, próximo de sua residência, para o lançamento da autobiografia intitulada *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite* (Figura 1). Natural da cidade paraibana de Sapé e radicado em Pernambuco desde a década de 1930, descreveu, entre versos e estrofes, fragmentos de sua vida, a trajetória artística e os desafios que enfrentou ao longo de suas andanças nas feiras do Nordeste do Brasil (CABRAL, 2013).

Figura 1- Capa da autobiografia do poeta José Costa Leite



Fonte: Acervo Geovanni Cabral.

A vida escrita do poeta José Costa Leite em suas múltiplas temporalidades começou a ser versificada em 2009, com o objetivo de ser publicada pela Editora Coqueiro, em Recife, com que mantém uma parceria de publicação de folhetos há mais de dezessete anos. Na ocasião dessa narrativa poética no mergulho das palavras e dos sentimentos que emergiam a cada lembrança, foi lançado um edital com vista a contemplar projetos na área cultural em

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Adjunto da Faculdade de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: geocabral22@gmail.com.

2010. A editora e o poeta resolveram concorrer a essa premiação inscrevendo no projeto essa autobiografia. O resultado foi o melhor possível. Costa Leite foi contemplado pelo Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel, Edição Patativa do Assaré para publicação de seu livro. Assim, foram intensificados os trabalhos gráficos, envolvendo a diagramação, estrutura do livro, design da capa, notas introdutórias, sendo impressa no fim de 2012 (CABRAL, 2016, p. 14).

O poeta Costa Leite (Figura 2), por conta de sua experiência no ramo do cordel no tocante à escrita, publicação e comercialização, tratou logo de gerenciar todo o trabalho. Sua prática nessa área vinha desde a década de 1960, quando chegava às tipografias com o original dos folhetos na mão e explicava ao proprietário como queria seu material, a localização das xilogravuras, estabelecia as cores a serem impressas; nem sempre aceitava sugestões. Sua vivência nas feiras à procura dos leitores o fez perceber qual a melhor impressão para obter maior vendagem, ponto essencial para sua sobrevivência. Não foi diferente com seu livro.

Figura 2 – José Costa Leite na Feira de Itambé-PE, 2013



Fonte: Acervo Geovanni Cabral.

Primeiro versificou sua história em papel pautado, todo escrito à caneta esferográfica azul, para depois pensar nos detalhes gráficos. Em seguida, tratou de produzir pequenas matrizes xilográficas que acompanhavam o desenrolar da narrativa poética; atrelado à sua memória, as lembranças que percorriam o talhe da madeira (BOSI, 1994). Para cada página, uma xilogravura, imagens e representações das várias casas onde residiu com a família, da chuva que fazia brotar o inhame, a mandioca, a batata, o trabalho na roça e nos canaviais. A memória de uma terra fértil recheada de árvores frutíferas, um tempo que nunca vai voltar. Ao percorrer essas páginas, não apenas encontramos a sensibilidade de um poeta que se apresenta com palavras e signos, mas a história de um tempo áureo da produção desse gênero literário e sua diversidade temática (MEYER, 1980).

A princípio, denominou de *Uma lição de vida, experiência e meditação*, que, aliás, foi um título que ele pensou para a primeira tentativa de publicação de uma autobiografia na década de 1980, incentivada pelo marchand Giuseppe Baccaro, que propôs editar pela Fundação Casa das Crianças de Olinda, da qual era proprietário. Uma instituição filantrópica e comercial que funcionou durante vinte e dois anos visando a atender crianças carentes da cidade de Olinda, PE, espaço também de convergência de poetas populares que recorriam ao marchand em busca de ajuda e publicação (CABRAL, 2016). Essa “primeira versão”, podemos assim denominar, foi escrita também em versos, segundo o poeta, mas nunca chegou a ser publicada; Baccaro passou por problemas de saúde e sua esposa nunca teve o interesse de procurá-lo e devolver os originais. Segundo entrevista com o poeta:

Foi um amigo meu que incentivou e depois infelizmente ele adoeceu. Não tive nem o prazer de dar um livro a ele, porque ele se casou novamente com outra mulher, e a mulher privou ele sabendo, que ele é doente e ajudava muito a pobreza. Ela ficou com tudo isso. Foi o Baccaro, ele antes tinha falado que publicava a autobiografia, mas saiu de nossa vista que não apareceu mais. Não voltei a me encontrar com ele.¹

Por questões mercadológicas, visando a atingir um público bem maior, Costa Leite

¹ José Costa Leite, em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado, PE, 20 mar. 2013.

mudou o título de seu livro para *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite*. Nessa entrevista ele disse: “Essas palavras têm mais chamariz, as pessoas ficam logo sabendo que se trata da história de minha vida.” Aos poucos, o livro se constituía. Escolheu a cor preta para a capa com uma faixa branca ao centro, focando seus olhos, um design que chama a atenção na hora de sua comercialização. Percebemos que o artista participou praticamente de toda a fase de editoração e publicação. Escolheu cada detalhe, principalmente os textos que compõem as primeiras páginas, escritas por amigos que endossam a qualidade de sua produção artística.

Um desses amigos é Ariano Suassuna, por quem o poeta nutre certa admiração. Esse fato é bastante curioso, porque Costa Leite havia solicitado a Ariano escrever em poucas linhas um prefácio para compor a autobiografia. Passaram-se meses, o livro já pronto para ser impresso, esperando apenas as palavras de Ariano, e nada de chegarem. Alguns e-mails foram enviados, com muita sutileza, perguntando pelo prefácio. Após algumas semanas, ligaram para editora informando que estava pronto. Chegou até ser cogitado editar sem esse material, mas o poeta disse, “vamos esperar, Ariano falando do meu livro é melhor para vender.² Segundo percebi, durante a pesquisa, esperava-se um texto bem maior do que foi apresentado, mas as palavras de Ariano Suassuna deixaram o poeta bastante comovido e feliz.

Tenho, por José Costa Leite, uma admiração de qual há muito tempo, dei meu testemunho, tanto no que refere ao gravador a sua condição de poeta, num caso e noutra situa-se entre os maiores do Brasil em todos os tempos. Como gravador, José Costa Leite atingiu um patamar que deveria obrigar os críticos mais estreitos a retirar de cima dele a fama de um bom ‘artista popular’, porque, em suas gravuras mais importantes, a obra feita por José Costa Leite é tão importante para o Brasil quanto Goeldi; e como poeta, seus melhores folhetos se ombreiam com os de Leandro Gomes de Barros. (SUASSUNA apud LEITE; COIMBRA, 2013, p. 151).

Foram com essas poucas palavras de reconhecimento e exaltação acerca da qualidade artística do poeta que, finalmente, a autobiografia foi impressa, e seguiu-se o momento de lançamento, autógrafos e circulação. Ao anunciar sua “vida escrita” dizia: “este livro é a vida da minha vida, é tudo verdade, não escondi nada, é recomendado por Ariano Suassuna não

² José Costa Leite, em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado, PE, 10 abr. 2013.

deixe de comprar, é tudo verdade.”³ Assim, percebemos quanto ele se apropria estrategicamente do texto de Ariano Suassuna como referência para se projetar e vender seus livros, exaltando sua vida e suas histórias em versos. Essas palavras nos possibilitam pensar na concepção de verdade para o poeta. Verdade é sua trajetória de vida, sua escrita, seus versos, seu exemplo de poeta e autor de folhetos. O efeito de verdade para Costa Leite é dito na hora da escrita de sua vida, no momento em que sua memória possibilita trazer um passado de experiências e de práticas por ele vivenciadas. Assim registra em sua escrita de si (LEITE, 2012, p. 183):

Foi assim o meu passado
Contei tudo pois eu acho
Que em Autobiografia
Não tem cambalacho
Digo com sinceridade
Só descrevi a verdade
E agora eu assino embaixo

Costa Leite apresentava seu livro ao público como uma “lição de vida”, mencionando em seu discurso sua produção artística e firmando seu nome como autor de folhetos: “Eu sou José Costa Leite, poeta popular, compositor, xilogravurista e um pouco de astrólogo. Sou autor de mais de 1.000 cordéis que se espalham pelo Nordeste, o Brasil inteiro e os recantos da Europa.”⁴ É o que percebemos no texto produzido especialmente para acompanhar esse lançamento. O poeta vê-se na condição de vencedor diante das adversidades da vida, e a autobiografia com suas inúmeras histórias o deixaria imortalizado. É interessante perceber que nesse discurso o artista se mostra preocupado com a idade, com o tempo, e era preciso deixar algo que marcasse sua presença. Cria um lugar de autoridade para sua fala por ter sido ele quem vivenciou as experiências poetizadas, assim, sendo testemunha da própria narração e de seu ordenamento temporal.

A escrita de si é uma escrita da saudade de um tempo pretérito que se faz presente, delineia nas memórias que são ativadas, ditas, lembradas e esquecidas. É a vida sendo narrada, descrita em sua intimidade, relatos, intenções, alegrias e lágrimas. Como menciona

³ José Costa Leite, em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado, PE, 20 mar. 2013.

Philippe Artières (1998, p. 11): “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” Costa Leite procurou narrar não apenas a vida em si, mas descrever um tempo profícuo de sua produção artística, inserido em práticas culturais que nos remetem a entender a dinâmica e redes de sociabilidade na circulação de folhetos e xilogravuras. Esteve diante do espelho, descreveu, anotou, selecionou o que poderia ser dito ou silenciado. Em entrevista concedida em sua residência, relata tal seleção “teve coisa que saltei. Era tão humilhante que eu saltei, já é humilhante o que está escrito. Teve coisa que eu saltei porque era humilhante demais”,⁵ ou seja, a escrita autobiográfica também remete a escolhas, o poeta, à medida que escrevia, selecionava.

Essa prática evidencia alguns critérios escriturísticos que presidiram a feitura dessa memória. Não existe a memória na íntegra de tudo que ocorreu; muito menos a “ilusão de uma narração totalizante” (DOSSE, 2009, p. 14). Como afirma Benjamim (1994, p. 224): “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele foi, significa apropriar-se de uma reminiscência.” Cabe ressaltar que essa escrita poética não é neutra em sua narração, mas impregnada de gestos e intenções apropriadas e projetadas pelo autor.

Seguindo a expressão de Philippe Lejeune (2014, p. 14), “somos homens narrativas”, e esse narrar confunde-se com o viver, Costa Leite buscou uma sistematização do tempo a princípio linear, percorrendo o nascimento, a vida e suas produções artísticas, mas no decorrer das estrofes, percebemos que embaralha o tempo, focando as experiências e práticas em diferentes temporalidades, principalmente quando articula os anos em que circula pelo Nordeste. Assim descreve Costa Leite (2012, p. 117, 131):

Nas minhas andanças eu
Fui cambista, camelô
Fui cassaco de Usina
Peguei frete, fui feitor
Fui pescador, fui mascate
Vivi fazendo biscate
E também fui agricultor [...]

⁴ Discurso do lançamento da autobiografia em 16 de fevereiro de 2013. Acervo pessoal.

⁵ José Costa Leite, em entrevista concedida a Geovanni Cabral, Condado, PE, 20 mar. 2013.

Durante esse tempo todo
Vários cordéis eu versei
Com minha rude pena
Escrevi e publiquei
Tirado mesmo da fonte
E não há sábio que conte
Quantas passadas já dei

Essas idas e vindas tecidas entre o passado e o presente fizeram o autor discorrer sobre suas andanças pelas feiras do Nordeste do Brasil, em um ritmo próprio exigido pela dinâmica venda e circulação desse tipo de literatura, principalmente entre as décadas de 1950-1980. Para atingir um público amplo de leitores/ouvintes, era preciso circular, espalhar e fazer leituras em praças e feiras. Só assim conseguiria vender suas histórias (SLATER, 1984). Essas descrições representam um ponto bastante significativo na autobiografia, tendo em vista que Costa Leite é um andarilho do tempo, de suas poesias e rodas de leitura. Percebemos que sua trajetória de autor/escritor de folhetos constituiu-se na feira livre como espaço de negociação, sociabilidade e produção (NEMER, 2012). Podemos perceber nos versos a seguir esses deslocamentos espaciais na forma como Costa Leite (2012, p. 130) descreve tal fragmento do tempo nas múltiplas andanças:

Fiz feira em Macaparana
Nazaré e São Vicente
São Lourenço da Mata
Um lugar de boa gente
Em Trepe e Desde feirei
Alguns cruzeiros ganhei
Aqui eu faço ciente.

Fiz feira em Caapoã
Em Alhandra e João Pessoa
Lá na Praça Pedro Américo
E na beira da lagoa
Fiz feira em Abreu e Lima
Guarabira na mesma rima
E Mari que é feira boa.

Feirei em Recife e Olinda
Em Ferreiros e Aliança
Pau d'Alho e Garanhuns
E Vicência em maré mansa
Também em Buenos Aires
Em todos os lugares

Mostrei raça e confiança.

As feiras descritas e tecidas na autobiografia fizeram perceber quanto esse espaço serviu de cenário para que o poeta ampliasse sua diversidade temática no tocante à produção dos folhetos. Por meio dessas histórias, práticas e experiências, Costa Leite inseriu-se em outras produções artísticas, como a produção de matrizes e xilogravuras, almanaques populares, composições para discos e CD. Os versos autobiográficos nos levam a refletir sobre esses momentos de produção, em perceber um homem múltiplo diante do universo em que estava inserido. Assim, Leite (2012, p. 138) verseja na autobiografia:

A vida de Costa Leite
É escrever poesia
Em livros ou em cordel
Com rima doce e sadia
Com enredo e oração
E boa metrificacão
Que todo mundo aprecia

A poesia é um dom
Que todo mundo não tem
Com as minhas poesias
Graças a Deus vivo bem
Vivendo no que é meu
É o dom que Deus me deu
Sem dever nada a ninguém.

Faço músicas de forró
E faço xilogravura
Faço almanaque e cordel
De gracejo e de bravura
O cordel dar instrução
Desarna e dar distração
Cordel também é cultura.

Discorrendo sobre sua trajetória, Costa Leite ressalta momentos significativos para compor essa narrativa poética como a morte de seu pai, de sua mãe, as constantes mudanças que fez com a família pelos engenhos da Mata Norte de Pernambuco, a vida descrita com dificuldades, mas o poeta fez questão de mostrar como “exemplo e superação”. Seguindo esse raciocínio, podemos lembrar o início do texto quando o poeta apresenta *A vida da minha vida* como uma lição e exemplo a ser seguido; um poeta popular que nunca frequentou uma escola,

aprendeu ouvindo os poetas declamando seus versos na feira quando frequentava com o pai. Foi juntando as letras e palavras que aprendeu a ler e escrever. Experiência presente na prática e no olhar o fez publicar seu primeiro folheto em 1947, anos depois aprendeu a fazer matriz xilográfica de tanto observar um amigo na feira, isso por volta dos anos 1949. Não tardou para despontar em 1960 com o lançamento do primeiro Almanaque desvendando e adivinhando o tempo e seus mistérios.

Portanto, analisar a escrita autobiográfica de Costa Leite é mergulhar em diversas possibilidades para poder pensar nesse poeta e na construção de si. Suas memórias operam deslocamentos que vamos, aos poucos, percorrendo um tempo que passa diante de nossos olhos como em uma tela de cinema. Seus versos revelam intimidade, curiosidades, espaços geográficos, que vão agrupando-se em uma construção biográfica, memorialística e patrimonialista. Por outro lado, sua escrita de si nos permite conhecer não apenas a sua projeção como autor/poeta, mas caminhos para entendermos as práticas culturais que se revelam por meio de seus versos e estrofes.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CABRAL, Geovanni Gomes. Trajetórias biográficas e literatura: histórias do poeta José Costa Leite. In: CAVALCANTI, Ereinaldo; CABRAL, Geovanni (Org.). *A história e suas práticas de escrita: relatos de pesquisa*. Recife: EDUFPE, 2013.

_____. *Arte, história e narrativa: a trajetória do poeta José Costa Leite*. 2016. 266 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

LEITE, José Costa. *A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite*. Prefácio de Ariano Suassuna. Recife: Ed. Coqueiro, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.

MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

NEMER, Sylvia. *Feira de São Cristovão: contando histórias, tecendo memórias*. 2012. 155 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.